



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

A circulação de memes nas redes como táticas de resistências cotidianas

Leonardo Ferreira Peixoto¹
Universidade do Estado do Amazonas
<https://orcid.org/0000-0002-4817-1701>

Maria Cecília Castro²
Colégio Universitário Geraldo Reis / Universidade Federal Fluminense
<https://orcid.org/0000-0002-2803-3432>

Marcelo Ferreira Machado³
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
<https://orcid.org/0000-0001-7845-7340>

Resumo: A partir da ideia de ‘redes educativas’ (Alves, 2019) - as quais cotidianamente formamos e somos formados através de múltiplos e diferentes *conhecimentossignificações*- pretendemos neste artigo *fazerpensar* com imagens, em especial os memes, sobre questões atuais veiculadas nos diversos *espaçostempos* da cibercultura (Santos, 2013). Nosso objetivo é compreender como tais imagens possibilitam a criação de diferentes narrativas a respeito de importantes temas que circulam na/pela internet. Compreendemos que as imagens circuladas nas ‘ambiências virtuais’ (Santos, 2013) promovem agenciamentos, negociações, criações em grande velocidade e maior abrangência. Além disso, acreditamos na relevância das conversas com as imagens para *verouvirpensar* a partir dos muitos sentidos por elas aguçados, criando narrativas contra hegemônicas acerca de questões sociais.

Palavras-chave: Imagens. Memes. Redes Educativas.

La circulación de memos en las redes como tácticas diarias de resistencia

¹Professor do Centro de Estudos Superiores de Tabatinga da Universidade do Estado do Amazonas. Líder do Grupo de Pesquisa Redes Indígenas: povos indígenas e redes educativas. e-mail: leo@uea.br

²Professora Colégio Universitário Geraldo Reis (Coluni/UFRJ), graduada em Pedagogia (UERJ), Mestre em Educação (PROPED/UERJ), Doutoranda em Educação (PROPED/UERJ), Bolsista Capes (PROEX). e-mail: mcecilias.castro@gmail.com

³Coordenador Pedagógico e professor nas redes pública e privada do RJ, graduado em Geografia (UFRJ), Mestre em Educação (PPGEDU/UERJ), Doutorando em Educação (PROPED/UERJ). e-mail: mar_chado@hotmail.com

Resumen: En base a las ideas de 'redes educativas' (Alves, 2019), que formamos y formamos diariamente a través de múltiples y diferentes *significadosconocimiento*, en este artículo pretendemos *hacer pensar* con imágenes, especialmente memes, sobre temas actuales transmitidos en el varios *espacios tiempos* de cibercultura (Santos, 2013). Nuestro objetivo es comprender cómo tales imágenes permiten la creación de diferentes narrativas sobre temas importantes que circulan por Internet. Entendemos que las imágenes que circulan en los 'entornos virtuales' (Santos, 2013) promueven ensamblajes, negociaciones, creaciones a gran velocidad y una mayor cobertura. Además, creemos en la relevancia de las conversaciones con las imágenes para "verlas" a partir de los muchos significados que agudizan, creando narrativas contrahegemónicas sobre temas sociales.

Palabras Clave: Imágenes. Memes. Redes educativas.

The circulation of memes in the networks as daily resistance tactics

Abstract: Based on the ideas of 'educational networks' (Alves, 2019) - which we daily form and are formed through multiple and different ' *knowledge-meanings*' - in this article we intend to *make thinking* with images, especially memes, about current issues conveyed in the several cyberculture 'spacespaces' (Santos, 2013). Our goal is to understand how such images enable the creation of different narratives about important themes that circulate on / over the internet. We understand that the images circulated in the 'virtual environments' (Santos, 2013) promote assemblages, negotiations, creations at great speed and greater coverage. In addition, we believe in the relevance of conversations with images to 'see through' from the many meanings they sharpen, creating counter-hegemonic narratives about social issues.

Keywords: Images. Memes. Education networking

Introdução

Vivemos numa sociedade marcada pela cultura visual. Por este motivo, entendemos a importância das imagens e os usos cotidianos que fazemos delas, pois a partir do momento que *vemosentimospensamos*⁴ somos transportados para outros *espaçostempos* e assim conversamos com nossas lembranças e vivências. As culturas visuais que nos circundam são indiscutivelmente importantes no mundo contemporâneo.

Nos últimos meses o mundo sofre por conta da pandemia do coronavírus⁵. A necessidade do isolamento social nos impõem adaptações e criações de outros modos de nos relacionarmos uns com os outros. Neste sentido, percebemos o quanto as redes sociais da internet, têm sido importantes *espaçostempos* de conversas, de informação e formação que propiciam aos *praticantespensantes* discussões relevantes ao momento atual.

⁴É prática comum entre os pesquisadores cotidianistas fazer o uso de neologismos quando as palavras em nossa língua não conseguem dar sentido ao que queremos expressar. Neste caso, por exemplo, unimos os verbos ver, sentir e pensar, pois, acreditamos que esta ação ocorre ao mesmo tempo, sem uma determinada hierarquização das ações. Também é comum unirmos palavras aparentemente dicotômicas como *prácticateoria* ou *políticaprática*. Por se tratarem de neologismos, estas palavras serão grafadas em itálico.

⁵A pandemia do Coronavírus, conhecida cientificamente como COVID 19, assola grande parte do planeta, deixando as populações mundiais em isolamento social para tentar conter o avanço da doença.

Com Nilda Alves (2016; 2019), compreendemos a importância das redes educativas que perpassam na formação dos professores. Segundo a autora, estas “são formadas pelos seres humanos em suas múltiplas e complexas relações e nas quais eles se formam com os outros” (ALVES, 2016, p.235). Acreditamos que em todas essas redes são formados “mundos culturais diversos” (ALVES, 2016, p.236). E neste pensamento ela identifica e nomeia oito dessas redes, na qual, neste escrito vamos enfatizar duas: as *práticas teóricas* de produção e ‘usos’ de mídias e as *práticas teóricas* coletivas dos movimentos sociais.

Entendemos as redes como *espaços-tempo* de criação e circulação de conhecimentos e *saberes-fazeres*. Neste cenário, vamos fazer uso (CERTEAU, 2012) das diversas imagens que foram produzidas e lançadas em redes sociais da internet, especialmente no *Instagram, Facebook* e *WhatsApp* e que de alguma forma nos permitiram *versar* os sentidos produzidos por elas. Para Certeau (2012) os usos que fazemos dos artefatos tecnológicos ou culturais são mais importantes que os artefatos em si. A maneira com a qual lidamos e o modo como operamos se tornam mais relevantes, ou seja, podemos usar uma mesma imagem ou meme de diversas formas, de acordo com nossa intencionalidade e agenciamentos.

Para Nilda Alves, “os professores, hoje em exercício se formaram com o uso cotidiano da televisão e das chamadas redes sociais” (ALVES, 2019, p. 131). Concordamos com a autora e partimos do pressuposto de que as redes educativas são também tecidas com as *práticas teóricas* de produção e usos das mídias. Nesta relação são produzidas imagens desestabilizadoras que provocam questionamentos, estranhamentos e problematizações de temas sociais relevantes, intensamente reivindicados pelos diferentes movimentos sociais.

Barbero entende que crianças e jovens possuem “facilidade de entrar e manipular a complexidade das redes informáticas” (BARBERO, 2000, p.86). Para o autor, os adultos muitas vezes “desvalorizam e tornam obsoletos muitos de seus saberes e habilidades” (BARBERO, 2000, p.86). Entretanto, os processos de *ensino-aprendizagens* se dão especialmente na abertura para as relações em redes, de muitas tessituras, que não se fecham, ao contrário, expandem-se como “astúcias de agir” (CERTEAU, 2012), como “táticas” (CERTEAU, 2012), porque os espaços sociais, estratificados, são incontrolláveis, assim como as imagens difundidas no ciberespaço.

Escolhemos trabalhar com imagens frequentes nas diversas redes sociais da internet, conhecidas como *memes*. A produção e a divulgação parecem infinitas, se

proliferam de forma rápida. Algumas vezes, com textos curtos trazendo ambiguidades e diversos significados. Estas *imagensnarrativas* transmitem *conhecimentossignificações* entre diferentes grupos sociais, prevalecendo à comicidade, essas trocas de produções e criações - que na maior parte das vezes não sabemos os emissores! - surgem como uma potencialidade criativa. Sendo algumas destas eficazes na resistência à agenda hegemônica marcada por preconceitos e discriminações, mas não somente. Os memes facilmente viralizam nas redes sociais da internet e são capazes de afetar os pensamentos de muitas pessoas, que as usam como forma de expressarem suas opiniões sobre diversos assuntos, inclusive os políticos.

As estéticas dos memes e a circulação nas redes

Estas imagens, com um incrível poder de circulação nas redes, e muitas apropriações sociopolíticas são chamadas assim de memes. Em geral pode ser “definido como uma imagem/texto com intencionalidade de transmitir uma ideia” (ALMEIDA et al, 2019, p. 60). A Universidade Federal Fluminense (UFF) criou um museu⁶ online com a história dos memes, que é definido na página como: “um fenômeno típico da internet, e pode se apresentar como uma imagem ou analogia, uma frase de efeito, um comportamento difundido, um desafio. *Memes* são geralmente efêmeros”. Ademais, o site na internet ainda discorre sobre o nome, que foi definido por Richard Dawkins e provavelmente é uma adaptação do biólogo para o termo ‘mimeme’ (de raízes gregas).

A cronologia advém então desde a década de 1970. Para Almeida et al (2019), o termo está vinculado ao livro *The Selfish Gene* (O Gene Egoísta), de Dawkins. Os autores supracitados ainda indicam os caminhos que os memes fizeram para se tornarem comuns, como o uso da WEB 2.0, assim houve possibilidade de compartilhamento em massa de conteúdos e informações.

Os memes sofreram inúmeros processos e alterações, até se encontrarem nesse modelo atual, de transferir uma mensagem rápida e com fácil viralização na rede:

Os memes passaram a representar, de modo muito mais objetivo, elementos da cultura popular nos ambientes virtuais. Hoje, memes são um fenômeno típico da internet, e podem se apresentar como imagens legendadas, vídeos virais ou expressões difundidas pelas mídias sociais. Próprios do universo das comunidades virtuais, eles são geralmente compreendidos como conteúdos efêmeros, vulgarmente encarados como

⁶Site do Museu: <https://www.museudememes.com.br/>

“besteiro” passageiro ou “cultura inútil”, fruto de sua utilização da linguagem do humor. (Site Museu do Meme, UFF, acessado em 21/04/20)

No entanto, cabe ressaltar que os memes sofrem diferentes agenciamentos. Eles produzem narrativas que reforçam, questionam, subvertem, problematizam ou ampliam preconceitos e discriminações de diferentes grupos sociais. Afinal, eles refletem os interesses diversos e como já mencionamos, não podemos definir os polos emissores, portanto, ainda é bem comum nos depararmos com conteúdos racistas, misóginos, homofóbicos, xenófobos e muitos outros, que ainda difundem muitos discursos de ódio. Escolhemos alguns memes que circulam nas “ambiências virtuais” (SANTOS, 2013) para nossa ‘conversa’ com o intuito de produzir possíveis *conhecimentossignificações*.

As escolhas dos memes que ilustram esse artigo foram baseadas em nossos pensamentos e lugares de fala. Deste modo, repudiamos qualquer ato misógeno, eugênico, lgbtqi-fóbico, xenofóbico, racista ou qualquer ataque a cultura ou grupos minoritários. Assim, optamos por trazer imagens que, de alguma forma, vão ao encontro das nossas vivência, lutas e da proposta central deste artigo que é mostrar que os memes são táticas criativas de resistências cotidianas.

Para Certeau “a tática depende do tempo, vigiando para ‘captar no voo’ possibilidade de ganho. O que ela ganha, não guarda. Tem constantemente que jogar com os acontecimentos para transformar em ‘ocasiões’” (CERTEAU, 2012, p.46). Os memes podem ser hoje uma prática cotidiana do tipo tática. Aquilo que o autor chamou de pequenos sucessos, de vitórias dos “fracos” sobre os “fortes”. Com a comicidade, com humor os memes que selecionamos problematizam questões sociais e que em determinados contextos podem provocar euforia, tais como as táticas para Certeau.

Criando nossos personagens conceituais

A partir das escrituras de Deleuze e Guattari (1992) compreendemos os personagens conceituais como ideia que possibilita inúmeras criações de sentidos e *conhecimentossignificações*. Neste artigo, os memes são nossos personagens conceituais. Eles são criados, compartilhados, ressignificados intensamente nas diversas redes e nos diversos *espaçostempos*. Eles produzem impactos diferenciados, acordados com as redes educativas que se inserem. Notamos que muitas dessas imagens trazidas para essa discussão pertencem a algumas redes formativas, não chegando à universalidade. Devido

às existências de múltiplas redes, algumas nos perpassam e nos trazem essas criações, mas muitas outras são compartilhadas em seus nichos, como em redes de igrejas neopentecostais ou grupos de extrema direita. Assim, é possível que muitas produções e criações não cheguem até nossas redes formativas.

Comungamos do pensamento de Alves (2013), sobre as potências trazidas pelos ‘personagens conceituais’:

são, assim, aquelas figuras, argumentos ou artefatos que entram como o outro - aquele com que se ‘conversa’ ou, ainda, a quem se precisa responder porque nos coloca questões, ou seja, aquele/aquilo com o qual se pensa. Esses personagens conceituais permanecem presentes, por muito tempo, para que possamos ter e acumular as ideias necessárias ao desenvolvimento de conhecimentos e a compreensão de significações nas pesquisas que desenvolvemos, com os cotidianos (p.163-164).

Os personagens conceituais são discussões e pensamentos proporcionados pelas imagens e as narrativas produzidas pelos memes em nossas redes sociais. Estes ampliam a possibilidade criação de novos/outros personagens, como nos indicam Deleuze e Guattari: “a lista dos personagens conceituais não está jamais fechada, e por isso desempenha um papel importante na evolução ou nas mutações da filosofia; sua diversidade deve ser compreendida, sem ser reduzida à unidade já complexa do filósofo grego” (DELEUZE & GUATTARI, 1992, p. 11). Demonstrando que podemos tecê-los em infinitas formas e sentidos, pois cada um vai compreender os signos, ali esteticamente (ex)posto, de acordo com suas vivências e lutas.

Quando temos acesso a essas imagens, rapidamente somos levados a imaginar e criar outros cenários possíveis e conversamos com o que essa ideia quer nos dizer. Observemos o meme abaixo e algumas das múltiplas possibilidades que se produzem à medida que o fitamos.

Imagem 1: Meme sobre migrantes



O meme traz o Stormtrooper (personagem do universo Star Wars) sentado à mesa, exclamando, como se não conseguisse entender o porquê da confusão do que seriam os refugiados e os fugitivos. A partir desta estética, somos deslocados para diferentes lugares, pensando acerca da afirmação. Lembramos das crianças que foram separadas dos seus pais nos processos imigratórios nos Estados Unidos da América⁷; das guerras na Síria que provocam o deslocamento de inúmeras pessoas; dos norte-africanos que atravessam o oceano em botes fugindo da fome e das mazelas da guerra.

Esses e outros pensamentos surgem acerca dos refugiados e dos enfrentamentos nos seus movimentos, e como senão bastasse, ainda colidem com faltas de políticas públicas de acolhimento e a ignorância de parcela da população. Albuquerque Junior (2016) identifica a xenofobia presente nas relações com os migrantes. Para ele, a xenofobia “implica uma desconfiança e um preconceito em relação às pessoas estranhas ao território, ao meio, à cultura a que pertence aquele que julga, que observa, que se considera como estando em seu lugar” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2016, p. 9).

O autor ainda pondera que, muitas vezes, o estrangeiro tende a ser visto com suspeita, pois “seus comportamentos, atitudes, códigos de valores não obedecem às mesmas regras que definem aquela cultura que o está recepcionando” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2016; p.9). As lutas dos movimentos sociais se encontram também nesses atos subversivos menores. O menor numa perspectiva deleuzeana, não significa em menor quantidade, mas uma produção das minorias. A resistência às agendas hegemônicas

⁷ <https://exame.abril.com.br/mundo/ao-menos-900-criancas-imigrantes-foram-separadas-dos-pais-nos-eua/>

também se tecem em fios menores e com grandes poderes de questionamentos e criatividade.

Os movimentos sociopolíticos trazidos às redes

Desde a segunda metade do século XX, os movimentos sociais têm lutado por diferentes pautas relacionadas às questões ambientais, de gêneros, étnicorraciais e classes, dentre outras, a fim de valorizar e reconhecer as múltiplas demandas que envolvem as vivências dos sujeitos e que foram negligenciadas ao longo do processo histórico de formação ocidental.

Hall (2006), ao apresentar a chamada "crise das identidades" nas sociedades atuais, traça um percurso histórico da construção dos conceitos de identidade hoje em discussão. Na contemporaneidade as questões ambientais e identitárias estão cada vez mais em evidência. Elas tornam-se pautas das “ambiências virtuais”, visto o crescente conservadorismo que toma conta da sociedade.

Imagem 2: Meme da Barbie



Os criadores são desconhecidos, a autoria não é uma questão relevante para os criadores e disseminadores de memes. O que mais se deseja é que o memeviralize pelas redes sociais da internet, provocando discussões através do humor e do uso de ironias. A imagem acima é da boneca mundialmente conhecida, a Barbie.

Esta boneca traz consigo um padrão social frequentemente difundido: uma mulher branca, heteronormativa e que usufrui de prestígio social. Na imagem, a personagem questiona a importância das lutas de diferentes grupos sociais que reivindicam respeito,

direitos e justiça social, justificando que o país se encontra em situação “difícil”. Esta imagem foi muito difundida durante o governo do PT, mais progressista. De forma objetiva, o meme se apresenta como nosso “personagem conceitual” trazendo diversas problematizações que são tecidas a partir de nossas próprias redes de *conhecimentossignificações* das estéticas compartilhadas.

No argumento apresentado por Borillo (2010) sobre a homofobia, ele traça a relação com outras formas de preconceito e discriminação:

Enquanto violência global caracterizada pela supervalorização de uns e pelo menosprezo de outros, a homofobia baseia-se na mesma lógica utilizada por outras formas de inferiorização: tratando-se da ideologia racista, classista ou antisemita, o objetivo perseguido consiste sempre em desumanizar o outro, em torná-lo inexoravelmente diferente (p. 35).

Conforme mencionamos, os memes são criados a partir de intencionalidades diferentes, não sendo obstantes de estarem carregados por discursos de ódio, preconceitos, discriminações. São muitas vezes criminosos, pois há leis que punem a difusão de publicações com conteúdos racistas e homofóbicas. Entretanto, há dificuldade em localizar e punir os responsáveis por tais crimes. Optamos por não trazer este tipo de conteúdo em nosso trabalho, pois não dialoga com o que compreendemos ser relevantes para a nossa discussão.

Apresentamos agora outro meme que pretende problematizar as questões de gênero em nossa sociedade. Este meme causou bastante repercussão, pois dialoga com uma situação vivida no Brasil, recentemente. A produção e compartilhamentos das imagens é muito rápida, alcançando muitas redes e numa velocidade exorbitante.

Imagem 3: Meme discutindo gêneros

menina veste rosa
e menino veste azul



No início de 2019, a advogada e pastora, Damares Alves foi nomeada pelo presidente Jair Bolsonaro para compor o Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos. No ato de sua posse, ela afirma: “O Estado é laico, mas esta ministra é terrivelmente cristã”⁸.

Em seguida, um vídeo⁹ com data e local desconhecido, é veiculado em diferentes mídias com a declaração da ministra de que: “É uma nova era no Brasil: menino veste azul e menina veste rosa”. Nesta declaração, compreendemos uma narrativa marcada por estereótipos e preconceitos sobre as questões de gênero, onde se pretende estabelecer limites sobre os comportamentos, gostos, valores, desejos e sentimentos de meninas e meninos.

Em seu livro: *Para educar crianças feministas*, Adichie (2009) traz uma discussão acerca dos papéis de gêneros. Por conta de sua trajetória de vida, uma amiga grávida pede orientações sobre como criar uma filha feminista. A autora aceita o desafio e escreve uma carta com quinze sugestões a respeito da tarefa. Escolhemos a terceira sugestão que dialoga com o meme apresentado acima. Adichie (2009) diz:

Ensine a ela que “papéis de gênero” são totalmente absurdos. Nunca lhe diga para fazer ou deixar de fazer alguma coisa “porque você é menina.” Acho interessante como o mundo começa a inventar papéis de gênero desde cedo. Ontem fui a uma loja infantil para comprar uma roupa para Chizalum. Na seção das meninas, havia umas coisas pálidas espantosas, em tons de rosa desbotado. Não gostei. A seção dos meninos tinha roupas num azul forte e vibrante. Como achei que o azul ia ficar lindo em contraste com a pele morena dela — e sai melhor nas fotos —, comprei uma roupinha azul. A moça do caixa me disse que era o presente ideal para um garotinho. Falei que era para uma menininha. Ela fez uma cara horrorizada: “Azul para uma menina?”. Fico imaginando quem foi o gênio do marketing que inventou essa dualidade rosa-azul. Havia também uma seção de “gênero neutro”, com aquela infinidade de cinzas sem graça. “Gênero neutro” é uma bobagem, porque tem como premissa a ideia do masculino como azul e do feminino como rosa, sendo o “gênero neutro” uma categoria própria. Por que não organizar as roupas infantis por idade e expô-las em todas as cores? Afinal, todos os bebês têm corpo parecido. (p.10)

Na mesma linha de pensamento, Furlani (2011) denuncia que nossa cultura tenta definir brinquedos, cores, comportamentos e gostos específicos para cada gênero,

⁸<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,o-estado-e-laico-mas-esta-ministra-e-terrivelmente-crista-diz-damares-alves,70002664861>. Acesso em 24/04/2020.

⁹<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/03/em-video-damares-alves-diz-que-nova-era-comecou-no-brasil-meninos-vestem-azul-e-meninas-vestem-rosa.ghtml>. Acesso em 24/04/2020.

separando o universo de meninos e meninas, pois acredita que esse posicionamento determina, por exemplo, a sexualidade futura da criança.

Entretanto, compreendemos que as questões relacionadas a gênero e sexualidade são constituições inerentes a cada sujeito. Não se trata de uma opção, escolha ou comportamento. Castro (2011) aponta:

Após o nascimento da criança, os investimentos discursivos dirigem-se para a preparação do corpo, a fim de que este desempenhe com êxito os papéis de gênero: bonecas, saias, vestidos para as meninas; bolas, calças revólveres para os meninos. O mundo infantil se constrói sobre proibições e afirmações. Essa pedagogia dos gêneros tem como objetivo preparar aquele sujeito para a vida referenciada na heterossexualidade, construída a partir da ideologia da complementaridade dos sexos. É como se as —confusões nos papéis provocassem, direta e imediatamente, —perturbações na orientação sexual. (p.33-34)

O meme questiona esses papéis de gênero mostrando dois ícones dessas lutas: a apresentadora americana Ellen DeGeneres, assumidamente lésbica, vestindo um terno rosa, e a *dragqueen* RuPaul, vestindo um vestido azul. Dessa forma, a imagem nos faz questionar as falas limitantes da ministra brasileira e o quanto reverberam em nossas redes. Foi possível assim, reafirmarmos as lutas pelo fim dos papéis de gênero impostos socialmente, remetidos por figuras públicas que produziram sentidos múltiplos acerca dessa temática.

Imagem 4: Meme sobre racismo



O meme apresentado traz este questionamento em tom de espanto e ironia justamente para discutir a cristalização do racismo estrutural existente no Brasil. A mesma boneca Barbie é a personagem deste meme e justifica-se como não racista pelo fato de ter amigos negros. Desta forma, muitas pessoas apresentam esta mesma defesa ao serem

confrontadas quando manifestam atitudes, ideias e posicionamentos racistas. Kabengele Munanga (2003) traz importante descrição sobre esta questão. Ele afirma que:

o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural. O racista cria a raça no sentido sociológico, ou seja, a raça no imaginário do racista não é exclusivamente um grupo definido pelos traços físicos. A raça na cabeça dele é um grupo social com traços culturais, lingüísticos, religiosos, etc. que ele considera naturalmente inferiores ao grupo a qual ele pertence. De outro modo, o racismo é essa tendência que consiste em considerar que as características intelectuais e morais de um dado grupo, são conseqüências diretas de suas características físicas ou biológicas”. (MUNANGA, p.8)

Sendo assim, declarações que justificam a ausência de racismo são identificadas por apresentarem uma conotação de “caridade”, “bom mocismo” e/ ou “aceitação”. Esses posicionamentos produzem narrativas veladas de racismo e preconceito. Schwarcz (1993) apresenta em seus estudos diversas doutrinas raciais que questionavam a humanidade dos povos africanos, ameríndios e tantos outros. Essas teorias racistas classificavam estes povos como primitivos, selvagens, animalizados e assim produziam-se, ideologicamente e fisicamente, justificativas de escravização, preconceitos, desigualdades e discriminações.

Apesar das inúmeras tentativas de negação do racismo no Brasil, conforme revela o meme apresentado, Gomes (2005) denuncia esta forma velada de preconceito e discriminação ela afirma que:

O racismo no Brasil é alicerçado em uma constante contradição. A sociedade brasileira sempre negou insistentemente a existência do racismo e do preconceito racial mas no entanto as pesquisas atestam que, no cotidiano, nas relações de gênero, no mercado de trabalho, na educação básica e na universidade os negros ainda são discriminados e vivem uma situação de profunda desigualdade racial quando comparados com outros segmentos étnico-raciais do país. (p.46)

Retomando as ideias de Alves (2019) ressaltamos a importância das redes educativas coletivas dos movimentos sociais, na reinvenção e desenvolvimento de criações rizomáticas que expandem suas ações nas mídias, nas políticas de governo, nas escolas e tantos outros *espaçotempos* com o intuito de romper preconceitos e discriminações estruturais, institucionais e cotidianas.

Essas redes se constituem em importantes *espaçotempos* de formação política e humana, imbuídas pela “maneira de crer” (CERTEAU, 2012) que as mídias hegemônicas instituem como “realidades” para as pessoas. Reafirmando a ideia de que os

conhecimentos se dão em redes diversas. Entendemos que os memes são criações que podem ser ressignificadas a partir de seus diferentes usos (CERTEAU, 2012). Uma mesma imagem pode criar narrativas que rompem com ideologias e discursos carregados de preconceito e discriminação, possibilitando outras maneiras de reinvenção de si e do mundo.

Nos últimos anos, observamos o aumento da polarização de diversos temas sociais. Mencionamos anteriormente as questões de gênero, sexualidade, machismo, homofobia e racismo. Porém, faz-se necessário problematizarmos da mesma forma as classes sociais. As lutas contra as desigualdades socioeconômicas têm um viés anterior às reivindicações das políticas de identidade. A questão da centralidade do trabalho e da classe trabalhadora ainda tenciona discussões sobre essa organização econômico/social excludente que fomenta e fortalece as desigualdades a partir de políticas neoliberais que defendem o “Estado mínimo”.

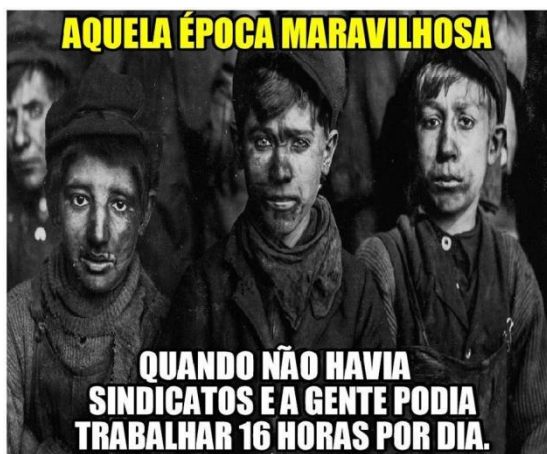
Ao longo da história, os trabalhadores de diferentes origens se organizaram coletivamente para reivindicarem seus direitos. A partir disso, surge a criação dos sindicatos como aponta Ciavatta (2012):

Organizar sindicatos e reivindicar direitos de classe era uma experiência difícil e contraditória para os trabalhadores porque, além de se opor à ideologia patronal, acirrava as disputas entre estrangeiros e brasileiros. Não obstante, o período de 1917 a 1920 foi marcado por intensa mobilização operária. Imigrantes, anarquistas, socialistas e comunistas criaram um campo permanente de lutas contra o patronato que mantinha em condições semiescravas o trabalho livre. (p.40)

Após inúmeras lutas e reivindicações, os sindicatos garantem importantes conquistas à classe trabalhadora. Entretanto, com o acirramento das políticas neoliberais que defendem a redução e, muitas vezes, os direitos conquistados historicamente sofrem alterações que prejudicam principalmente a classe trabalhadora. Nos últimos anos, foram propostas reformas neoliberais pelos governos brasileiros que reduziram vários desses direitos.

Novamente, as redes sociais da internet passaram a ser um importante *espaçotempo* para as novas formas de lutas. Inúmeras imagens e textos são compartilhados com diferentes posicionamentos em relação a tais questões e os memes mais uma vez, utilizam-se do humor para fazer a crítica social.

Imagem 5: Meme da luta de classes



Os criadores e difusores do meme acima ironizam com o saudosismo de muitos, que passam uma mensagem de como era majoritariamente a vida de trabalho das sociedades antes das leis trabalhistas. Não desconsideremos que ainda existem estas relações de trabalho desiguais sendo praticadas, mas atualmente existe uma legislação que pune as pessoas que descumprem as leis. “Naquela época” não existiam direitos básicos, como idade mínima e horas de trabalho por dia, assim a imagem traz essa referência das nossas perdas enquanto trabalhadores assegurados por lei, e questiona se os caminhos nos levam para um retorno ao passado.

Resistindo para existir - alguns pensamentos finais

Assim, neste difícil cenário, entendemos que a cultura visual tem grande relevância nas redes educativas que nos formam, uma vez que, a partir dela, pode-se buscar fomentar os modos pelos quais *vemos e pensamos* o mundo e a nós mesmos.

De modo geral, compartilhamos da escrita de Almeida et al (2019) de que os memes são essas “imagens são modificadas, reconfiguradas, recriadas do contexto original e rapidamente se espalham através das redes sociais. Apresenta narrativas de cunho humorístico, sátira e/ou crítica social” p. (60). O mais importante, conforme aprendemos em Certeau (2012) são ‘usos’ que fazemos deles.

Essas criações cotidianas, ordinariamente lançadas em nossas redes sociais da internet, carregam em si inúmeros signos e sentidos, produzem *conhecimentos e significações* e, na maioria das vezes, usando o bom humor para nos fazer pensar sobre e com as muitas realidades e brasis existentes. Nestes usos dos artefatos, as tecnologias múltiplas,

possibilitaram um dispositivo para as pessoas historicamente subalternizadas marcarem presença e, de alguma forma, mostrarem ao poder hegemônico que ainda estão ali, (re)existindo.

Na tentativa de compreendermos essa avalanche de imagens e sensações, apresentamos aos nossos leitores a possibilidade de dialogar com nosso último meme. Ele traz a narrativa de três personagens das nossas histórias passadas e presente. Um paradoxo do que acreditamos para nossa existência.

Imagem 6: Meme sobre governantes



Conforme analisamos neste texto, os memes criados e compartilhados nas redes sociais da internet apresentam intencionalidades e objetivos diferentes. Pontuamos ainda que, diferentes teorias raciais foram elaboradas ao longo da história em que se questionavam a humanidade de determinados povos e etnias. Esses discursos corroboram práticas, comportamentos, ideias e crenças que legitimam o preconceito e a discriminação.

No meme acima identificamos umas *imagensnarrativas* impregnadas de preconceito e discriminação. Agrava-se a isso, o fato destas refletirem a opinião de pessoas públicas com alto grau de afetação as populações regionais. As falas dos governantes acima foram realizadas em público. O último governante é o atual presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro. Seu governo é marcado por políticas que restringe direitos dos grupos sociais historicamente invisibilizados. Esta frase do meme parafraseia a entrevista em que ele declara: “Cada vez mais, o índio é um ser humano igual a nós.”¹⁰

¹⁰ <https://exame.abril.com.br/brasil/cada-vez-mais-o-indio-e-um-ser-humano-igual-a-nos-diz-bolsonaro/>. Acesso em 26/04/2020.

Essa declaração reforça o que descrevemos ao longo do texto acerca de teorias raciais preconceituosas que negavam a humanidade de diferentes povos e etnias, por organizarem-se de forma diferente da hegemônica e se relacionarem de maneira diferente com o mundo.

Krenak (2020) reflete sobre isso quando nos ensina que:

Os únicos núcleos que ainda consideram que precisam se manter agarrados nessa Terra são aqueles que ficaram meio esquecidos pelas bordas do planeta, nas margens dos rios, nas beiras dos oceanos, na África, na Ásia ou na América Latina. Esta é uma sub-humanidade: caçara, índios, quilombolas, aborígenes. Existe, então, uma humanidade que integra um clube seletivo que não aceita novos sócios.” (KRENAK, 2020, p.7-8)

Com esta declaração, compreendemos a necessidade da humanidade aprender com “os esquecidos pelas bordas do planeta” a respeito das outras formas de nos relacionarmos com o mundo, com os seres vivos que aqui existem, estabelecendo uma relação de respeito, trocas e generosidade.

Neste contexto, a escrita do artigo nos trouxe a potencialidade imagética criada com os memes em nossas redes sociais da internet e o quanto são possíveis às trocas de *conhecimentossignificações* acerca deles. No entanto, ressaltamos também as disseminações de conteúdos preconceituosos ou duvidosos (as atuais e nem tão atuais assim, *Fake News!*). Ou seja, os agenciamentos e os usos feitos pelos memes são os mais diversificados, precisamos sempre estar atentos ao seu compartilhamento e a veracidade dos conteúdos transmitidos.

Deixamos o texto em aberto e convidamos nossos leitores, pela circunstância que o presente nos impõe, para avançarmos nas discussões sobre imagens e memes, aqui iniciadas ou refazê-las. Neste momento, acreditamos que uma dentre as inúmeras possibilidades, é resistir com criatividade, tornando ainda mais necessário reinventarmos o futuro, o que caberá também editar a escrita do passado, sob a premissa de que não são “verdades”, mas “virtualidades”, ou seja, são as compreensões que fazemos agora, do presente, não da realidade.

Referências

ADICHIE, CHIMAMANDA. **Para educar crianças feministas**. São Paulo, Companhia das Letras, 2009.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval. **Xenofobia: medo e rejeição ao estrangeiro**. São Paulo: Cortez, 2016.

ALMEIDA, Wallace; OLIVEIRA, Rosimery & SANTOS, Edméa. **A discursividade dos memes- mimetizando-se nas redes educativas**. Revista Periferia - Educação, Cultura e Comunicação, 2019. p. 57-89.

ALVES, Nilda. **Práticas Pedagógicas em Imagens e Narrativas** - memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje. São Paulo, Cortez, 2019.

ALVES, Nilda. A formação com as imagens. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**. Rio de Janeiro, V. 2 N. Especial – jun. out. 2016, p.235-252.

BARBERO, Jesús Martín. Novos regimes de visualidade e descentramentos culturais. In: FILÉ, V. Batusques. **Fragmentações e fluxos: zapeando pela linguagem audiovisual escolar**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 83-112.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autentica, 2010.

CASTRO, Maria Cecília. **Currículo como enunciação: performance de criação e recriação – o caso do curso de extensão em diversidade sexual e identidades de gênero**. 2011. 120f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano – 1. Artes de fazer**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2012.

CIAVATTA, MARIA. O Mundo do Trabalho em Imagens: Memória, História e Fotografia. **Revista Psicologia: Organizações e Trabalho**, 12(1), jan-abr 2012, pp . 33-46 . Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpot/v12n1/v12n1a04.pdf> Acesso em 18/04/2020.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Personagens conceituais**. In DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *O que é filosofia?* Rio de Janeiro: Ed 34, 1992: 81-109

GOMES, N. L. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. **Educação Antirracista: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03**. Brasília, MEC, Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade, 2005.

KRENAK, Aílton. **O amanhã não está à venda**. São Paulo, Companhia das Letras, 2020.

MUNANGA, KABENGUELE. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, 05/11/03 Disponível em <https://www.ufmg.br/inclusaosocial/?p=59>

RIBEIRO, Mayra Rodrigues Fernandes; CARVALHO, Felipe da Silva Ponte & SANTOS, Rosemary dos. **Ambiências híbridas-formativas na educação online: desafios e**

Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient. Rio Grande, Dossiê temático “Imagens: resistências e criações cotidianas”, p.510-527, jun. 2020. E-ISSN 1517-1256

potencialidades em tempos de cibercultura. Rio de Janeiro: Redoc, v. 2, n.1, 2018, p.3.
Disponível em:<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/redoc/article/view/30589/23532>. Acesso em 08 abr. 2020.

SANTOS, Edméa. & WEBER, Aline. **A criação de atos de currículo no contexto de espaços intersticiais**. teccogs n. 7, 156 p, jan.-jun, 2013, p.42 -60.

SCHWARCZ, LILIA M. **O espetáculo das raças** - cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Submetido em: 04-05-2020.

Publicado em: 01-07-2020.